

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Editor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Marla Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.735

Terça-feira, 22 de Julho de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 111 e 113

A Moagem, não contente em envenenar o povo, pretende reduzir os seus operários à vexatória situação de escravos.

## O barómetro da política

ANUNCIOU ANTEONTEM, NO BARREIRO, VENTOS RADICAIS PARA MUITO BREVE

José Domingues dos Santos, ex-padre, ex-anarquista e quase... ex-democrático fez uma conferência radical, falando dos seus "sacrifícios" e prometendo pão e liberdade

Quando a linguagem dêste político, que está sempre com o mais forte, apresenta aspectos esquerdistas, é porque realmente o caminho é para as esquerdas...

Há homens que são para a política, o que os barómetros são para o tempo. E' tal a sua sensibilidade que meses antes da política mudar de feição marcam a sua mudança como os preciosos barómetros as variações da atmosfera.

De anteontem para ontem, o barómetro anunciou vento rijo do Norte, céu polvilhado de nuvens e temperatura suave; e o sr. José Domingues dos Santos — o barómetro da política — anunciou «ventos radicais» num comício realizado no Barreiro.

José Domingues dos Santos falou de reformas para os operários gastos no trabalho, de casas para os pobres inquilinos habitarem, de medidas violentas contra a cléricalha, de ataques decisivos à finança insaciável, de pão para o povo comer. Bons pronunciamentos, Toda esta eloquência do ex-padre José Domingues, querer dizer que a face da política, mais tarde ou mais cedo, vai apresentar-se radical.

Há meses, quando éramos só nós a lutar pela liberdade, a arriscar a cabeca numa luta contra um inimigo oculto e poderoso, a ditadura militar, o sr. José Domingues dos Santos não era radical. Os ventos, então, não corriam da feição.

Agora que o ambiente na Europa favorece as esquerdas; agora que o triunfo dos trabalhistas em Inglaterra e dos radicais em França parece seguro; agora que Mussolini perdeu o seu prestígio e Primo de Rivera está embarcado na escolha dum porta por onde possa fugir arioseamente; agora que é tam fácil dizer-se uma pessoa esquerdista, o sr. Domingues dos Santos fala e diz coisas vormelhas.

Nós sabemos que o sr. José Domingues dos Santos é, politicamente, um homem desacreditado — mas sabemos também que, por esse motivo, esse político procura sempre encostar-se ao partido mais forte, à corrente de opinião triunfante ou em via de triunfar. Esta facilidade de adaptação, constitui para nós um valioso elemento de destrição do ambiente político — tam valioso que, se o sr. José Domingues dos Santos, entrasse amanhã, soridente na nossa redacção e, abraçando-nos comovidamente, nos dissesse: «Estou convosco!» — nós delirámos de alegria, não devido à adesão, mas porque teríamos a certeza de que dentro de muito pouco tempo estaria proclamada a Revolução Social.

Deveria, porém, o leitor acantelar-se — e teria grandes razões para andar apreensivo — se o ilustre conferencista do Barreiro, surgisse subitamente emparelado com os monárquicos, porque certamente a monarquia não se faria tardar em Portugal.

Certas aves de rapina possuem um olhar tam penetrante, tam forte que descobrem a distâncias e alturas fantásticas a presa que melhor agrada ao seu apetito. O sr. José Domingues dos Santos faz-nos lobrar essas aves de rapina — mal comparado, é claro... Cheirou-lhe a cadáver, descobriu lá do alto uma nova presa, e não a largará.

\*\*\*

Ora vamos dar aos nossos leitores uma amostra da mercadoria que o radicalíssimo José Domingues, vendeu na outra qanda, isto é, um pedaço do seu discurso:

Sempre o meu peito bateu em defesa da Liberdade! Sempre na honra do perigo os seus inimigos me encon-

traram pela frente! Quando da situação dezembrista, entrei e protestei contra a ditadura. Sofri então, lançado para o fundo de uma marmorra, as maiores torturas e as maiores afrontas que já mal julguei sofrer. Quando os liberais da minha terra andavam, muitos deles, fugidos e perseguidos pelos montes, houve uma voz que se ergueu do fundo das prisões. Essa voz foi a minha! Mas que importa quem eu sou! Que importa a mão que empunha uma determinada bandeira? Mais do que eu, importam os princípios que defendem, que não são novos mas estão esquecidos. Tenho a meu lado a reacção contra o marasmo em que vivemos; do outro estão os amigos da República e da Liberdade. Unamo-nos para os vencer.

Este bocadinho de ouro, símbolo da modéstia do sr. José Domingues dos Santos deve ser lido com prazer por aqueles que foram traídos, quando da monarquia do Norte...

\*\*\*

Outro pedacinho precioso. Este foi pronunciado pelo republicano radical de última hora, no momento em que bebia uma pinga num lunch que foi oferecido ao convidados após a sua conferência do Barreiro.

«Estarei amigos como estamos, se me perguntarem quem sou, o que quero e para onde vou, dir-lhes-hei que sou um homem que nem cedo perdeu todos os amparos e pela vida fora vem labutando horradamente. Em Coimbra, estudei dando lições para comer e estudar por que nenhuma messa tinhá. Há quem diga e marque como recente a minha vinda para a República. A esses eu poderia dizer que, em verdade, se alguma vez

o meu espírito não esteve no lado da República, é porque enfieirava à esquerda dela. Nos bancos da Universidade fui, como tantos, anarquista. Não clamo o meu republicanismo, mas os estudantes republicanos de então, perante as dificuldades surgidas no 28 de Janeiro, sabem bem que foi na casa do então calouro e pouco conhecido José Domingues dos Santos que eles se escondiam!»

Confessou entre amigos que fôra anarquista — agora é republicano, e também já foi padre. Mas para que falou o sr. José Domingues dos Santos no seu anarquismo? Para que o povo confie na sua firmeza de opiniões...

Mas o Alfredo Pimenta também foi anarquista — hoje é monárquico e nas horas vagas, Oscar Wilde. Mas o sr. Aníbal Soares, actual director do Correio da Manhã, também foi anarquista e apedrejou a rainha.

Para que diabo teria falado o sr. José Domingues dos Santos no seu anarquismo? Que significará aquela recordação?

\*\*\*

Acreditem, leitores amigos, que o sr. José Domingues dos Santos é na sociedade portuguesa uma das pessoas mais úteis. Porque tenha prestado serviços ao país? Onde estão eles? Porque tivesse feito qualquer descoberta científica. Não. Porque exerce qualquer labor necessário à colectividade? Ainda menos. Porquê ento? — perguntará o leitor.

Por uma razão simples: se não existisse, não sabríamos neste momento que as correntes esquerdistas da política tendem a predominar.

\*\*\*

Numa obra da estrada das Amoreiras, J. C., ao Campo Pequeno, de que são construtores Almeida & Camilo, Ltda., este sr. Camilo disse aos operários no sábado que deviam trabalhar de ontem em diante, mais duas horas por dia.

De facto ontem assim sucedeu, porque esses operários parecem não se lembrarem que o horário de 8 horas custou muitas carengas e muitas vidas e que a crise na indústria se vem acentuando, de maneira que estão cavando a sua própria ruína.

Sabemos, porém, que esses operários, ou porque os industriais não lhes pagavam as duas horas suplementares como precisavam a lei, a dobrar, já hoje não trabalham mais que as 8 horas.

Desrespeitando o horário de trabalho

## A Moagem contra o operariado

A Companhia Nacional de Alimentação, que é um Estado dentro do Estado, impõe aos seus operários um regulamento vexatório

E' preciso lutar contra esse monstro capitalista que envenena o povo e rouba os trabalhadores

PORTO, 21.—As classes que não estão isentas das brutalidades da Companhia Nacional de Alimentação, têm, de certeza, a sua qualidade de trabalhadores, a quem a vida da caserna, impede neste momento de ser útil a colectividade, impedindo-o de exercer o seu labor nos campos e nas oficinas, não podendo ficar indiferente ao apelo do órgão dos trabalhadores

que soube lealmente reclamar a amnistia para os soldados e o único que verdadeiramente defende os interesses do proletariado ao qual se honra de pertencer e para o seu seio aspira volta.

E como a nossa crítica vai interessar a mesmo áqueles para quem somos pouco amáveis, mercê da sua repulsiva atitude de covardia — mãos «caridosas» fizem-nos chegar à nossa posse um exemplar nitidamente impresso do «novo» regulamento geral da sempre dita Companhia Nacional de Alimentação.

E' datado do dia 1 do mês corrente e assinado por — A Gerência.

No artigo I, é estabelecido o regulamento que o regulamento confere ao seu pessoal, é esta:

«(b) Em caso de doença que não seja motivada a por acidente no trabalho, o pessoal não tem direito a remuneração alguma.

Na alínea a) do artigo I, a nefasta Companhia de esfomeação nacional declarou terminantemente que «só poderão ser admitidos individuos de reconhecido bom comportamento moral e civil, sadiáveis e robustos» — para trabalharem estupidamente durante uma penosa permanência dum infinito de horas enriquecerem os moagelos.

Depois, se lhe convier uma escassez para uma condigna alta de preço — embora os lotes estejam abarrotados — ordena uma menor intensificação de trabalho, porque a alínea e), do artigo I determina que «o salário será estabelecido por hora de serviço».

Destarte, a melhor regalia que o regulamento confere ao seu pessoal, é esta:

«(b) Em caso de doença que não seja motivada a por acidente no trabalho, o pessoal não tem direito a remuneração alguma.

Na alínea a) do artigo I, a nefasta Companhia de esfomeação nacional declarou terminantemente que «só poderão ser admitidos individuos de reconhecido bom comportamento moral e civil, sadiáveis e robustos» — para trabalharem estupidamente durante uma penosa permanência dum infinito de horas enriquecerem os moagelos.

E depois de esfalfados pelo labor continuo — rru... Isto não é acidente de trabalho. Quando saudáveis, bestas de carga; quando doentes, entulho inútil, guano com elas... E se melhorarem, podem vir vestir os arreios.

Oh! que bela Companhia, como ela trata bem os seus operários... E se estes, num justo agradoamento, puserem em execução aquela doutrina de antigo chefe evolucionista, somos capazes de, modestamente, não gostarem muito de semelhante contumácia...

Tal é uma parte do célebre regulamento de 1 de Julho, pela qual a Companhia Nacional de Alimentação elaborou esta alínea a) do artigo II:

«O horário normal de trabalho será de onze horas, isto é, das oito às vinte horas, excepto no sábado que será apenas de oito horas (das oito às desassete horas), havendo em qualquer dos dias, e ao meio dia, um intervalo de uma hora para a refeição.»

Para se avaliar melhor, porém, das condições degradantes do pessoal que trabalha nas galés da Companhia Nacional de Alimentação, e para melhor se conhecer da exploração desenfreada que a Portugal e Colónias exerce, basta transcrever estas duas significativas alíneas do capítulo «Condições de admissão do pessoal»:

«(b) Se por qualquer circunstância estranha aos seus desejos, esta Companhia obriga-a a reduzir o número de horas de trabalho, o pessoal não terá direito algum a reclamação, seja de que natureza for.

(g) Se, por qualquer motivo de força maior, o pessoal for obrigado a trabalhar mais algumas horas, além das estabelecidas no horário, este espaço de tempo não será considerado como extraordínario e, como tal, o pessoal só terá direito ao salário — horário normal que disser respeito ao número de horas que trabalhou.»

Então estas duas disposições, velhamente escritas em linguagem de preto, não representam o mais puro esclavagismo, a mais estúpida ladroeira, a mais infame patifaria?

A vandálica Companhia, se lhe acontecer, obriga o seu pessoal a trabalhar 15 e 16 horas consecutivas — sem respeito pela lei legal das 8 horas, sem respeito pelas leis de protecção das mulheres.

E, ainda por cima, as horas que mais são pagas pelo mesmo preço das outras.

Para a Companhia é óbvio que é todo ordinário: para o operário é algo que é dura e paga-lhe mal, para ela é uma grande vantagem e vende-se ao público por canto e canto... levando-lhe montanhas de dinheiro...»

C. V. S.

A Conferência Inter-Aliada

Divergências entre a Inglaterra e a França

LONDRES, 4.—Os delegados franceses estão em desacordo com os delegados ingleses sobre a atitude a adoptar perante a Alemanha. A França deseja que se apresentem à Alemanha as comissões aliadas que já chegaram para que esta nação as assine sem discussão.

A Inglaterra deseja que fôsse permitido à Alemanha apresentar o seu ponto de vista e discutir quaisquer questões de interesse secundário e propor a sua modificação, o que só traria como consequência uma mais fácil resolução das questões pendentes.

Este assunto ainda não foi discutido.

Em conferência plenária e só o será depois das comissões terem apresentado os seus relatórios.

Joaquim da Costa

## Uma condenável hesitação

Porque não manda o actual governo pôr em liberdade os operários vítimas do ministério transacto?

Ainda se encontram no presídio da prisão ao ministro que ordenou as prisões arbitrárias, sem acusação concreta, e as casas onde viviam com suas famílias. Debalde, o proletariado tem protestado contra a tremenda iniquidade cometida. A sua voz, a exprimir a justiça, a pesar da sinceridade e profunda indignação que ela afirma, contra uma violência sem nome, ainda não foi ouvida.

Não se comprehende a razão de tamanha demora em soltar as vítimas inocentes que estão expiando as consequências dum ódio estúpido e vêso. Ha hesitação que fazem pensar e esta que prolonga uma iniquidade, faz pensar e com amarga tristeza, que os governos constituídos por A ou chefiados por B, apenas diferem nos nomes, visto todos eles incarnarem, o mesmo ódio aos trabalhadores.

Não existe, no menos a coragem de um público, qualquer dos políticos, tomar a responsabilidade do desprazo a que têm sido votados os mais elementares direitos dos operários; direitos que não constituem o favor visto terem sido conquistados em belos e energicos movimentos pela classe trabalhadora.

Anteontem, numa sessão de proposta pública só disseram esquerdistas realizada no Barreiro, um dos oradores o sr. José Domingues dos Santos foi duramente interrompido por constantes apertos que partiam da assistência. Por meio desses apertos acusavam-se o dr. sr. José Domingues dos Santos de perten-

## A FRANÇA

vai reconhecer a Rússia soviética

PARIS, 21.—Herriot enviou antes de partir para Londres um telegrama à Chitcherine comunicando-lhe a sua intenção de restabelecer proximamente as relações normais franco-russas, protestando contra a recusa sistemática do visto nos passaportes dos cidadãos franceses que se encontram na Rússia.

Chitcherine respondeu agora manifestando a sua satisfação pelas declarações amigáveis de Herriot e justificando o inconveniente apontado pelo chefe do governo francês com a falta de relações dos dois governos.

## Pró-presos por questões sociais

### Comissão central

Reunião hoje, pelas 21 horas, para tratar de diversos assuntos.

Pede-se a comparecência do delegado dos compositores

WASHINGTON, 21.—Notícias recebidas de Santos dizem que desembargadores norte americanos decidiram que os soldados federais vindos do Rio Grande do Sul e de outros estados do Sul, acompanhados de artilharia leiga e que a situação dos revoltosos era cada vez mais difícil.

Trabalhadores: LEDE «A BATALHA»

Reunião hoje, pelas 21 horas, para tratar de diversos assuntos.

Pede-se a comparecência do delegado dos compositores

Leitura de «A BATALHA»

## CRONICA DE INGLATERRA

## Um discurso

dum ministro trabalistas lográs átiva da exploração dos senhores que entre nós seria considerado bolchevista e que afinal pretende apenas deitar um remendo na sociedade capitalista

Início hoje a sua colaboração nas nossas colunas, o sr. Adolfo Trindade, cujo nome desconhecido para muitos está enunciado ligado a quasi todas as lutas travadas nestes últimos anos em Portugal, pela liberdade. Por ser curiosa transcrevemos a carta com que o nosso colaborador fez acompanhar o seu primeiro artigo:

SR. Redactor do jornal *Batalha*  
Junto tenho a honra de enviar a V.

um pequeno artigo que certamente encontrará o seu lugar nas colunas do jornal de que v. é merecissimo director.

Tinha apenas 14 anos quando em 1902, na cidade de Angra do Heroísmo, entrei no movimento que de ali expulsou os jesuítas. Depois, em 1907, na greve académica contra a ditadura do João Franco; em 3 e 4 de outubro de 1910; no dia 14 de Maio, contra a ditadura de Pimenta de Castro; no movimento contra a ditadura de Sidónio Pais; nunca deixei o meu lugar de revolucionário da Liberdade contra a reacção.

E' portanto natural o meu desejo de ver aniquilada a ditadura que o capitão tem procurado exercer sempre sobre o Trabalho e à este desiderioso sacrificiei sempre o melhor dos meus esforços.

Crieia-me v. seu muito dedicado — Adolfo Trindade. 1º tenente de marinheiros, piloto aviador, cavaleiro da Legião de Honra de França e antigo governador civil.

Londres, Juho de 1924.  
Eis o artigo:

«Remorsos de um contribuinte. — O ministro das Finanças acusa a reacção de £ 200 de N. T. L. N., devidas por imposto de rendimento, sonegadas.

Ora aqui está uma notícia, publicada no «Times» e que ninguém comprehende, — em Portugal.

Os nossos capitalistas, banqueiros, industriais e comerciantes, mesmo que se farte de explorar a Nação, julgam-se ainda e sempre com o direito e quasi com o dever de defraudarem o Estado.

Sonegando a maior parte dos seus lucros, deixando ficar no estrangeiro os que ali se realizam, falseando a importância real das suas transacções, assim conseguem aquêles patriotas agravar cada vez mais, em seu exclusivo proveito, a situação económica da república. E tal é a sua ganância e astúcia que não é raro atingirem o cíntimo da exploração: evasivam as algebras do consumidor com a mão do Estado e no mesmo tempo defraudarem o Estado à sombra do consumidor! Tal qual o conseguiu a Companhia dos Tabacos de Portugal.

E se um dia, todos aqueles que ao capitalista dão o melhor do seu trabalho manual e intelectual, pretendem finalmente fazer ouvir a voz da justiça, reclamando o que de direito ainda lhes pertence da parte de leão, que, todo o capitalista julga ser-lhe devida (pelo mesmo direito) que a si se arrogava (quele leão de fábula), são imediatamente alinhados de bolchevistas, que para todo o capitalista é sinônimo o de salteador dos *legítimos* báveros de outrm.

E não se cansam os reactionários de apregear aos quatro ventos que a salvaguarda da pátria (dos capitalistas) está no regresso ao regime do Dr. Miguel ou (magnânima condescendência) ao sr. D. Manuel II. Torna-se necessária que o operário volte ao pedago de brisa dura e meia sardinha assada; que lhe não reste nem tempo nem dinheiro para se dar ao luxo de pensar, instruir-se e distrair-se. O filho do operário deverá continuar a ir para a fábrica aos 12 anos, arruiná-la saudade e atrair a existência, enquanto os filhos daqueles para quem eles trabalham irão para os colégios da Prússia ou da Itália de Mussolini, ainda mesmo que a Natureza nem sequer lhes tenha concedido uma mediocre inteligência.

E logo um côro de lamúrias se faz ouvir nos arraiais capitalistas, acusando

## A. TRINDADE

## Conflito Marítimo de Sines

## AS GREVES

## Marceneiros

Declararam-se em greve os marceneiros da oficina Severino, por não ter sido atendido um aumento de salário de 25\$00 sobre os actuais salários.

Os grevistas entregaram o assunto ao sindicato sendo resolvido que a comissão de melhoramentos se avise hoje com o industrial.

Os grevistas, reunem hoje, juntamente com a comissão de melhoramentos, às 18 horas.

## Cabouqueiros e Fabricantes de Cal

Em reunião efectuada ontem, para apreciar os trabalhos realizados pela comissão de melhoramentos, foi resolvido que o pessoal da casa José Dionizio Nobre mantinha a mesma atitude que este senhor resolva atender as reclamações formuladas.

## Cobardia policial

A polícia com as suas violências, continua na ordem do dia — uma triste ordem do dia de violências e bárbaros excessos.

Dia a dia, crescem os protestos contra a polícia que não cessa de hostilizar os trabalhadores. Hoje, chegou a vez do polícia Evaristo dos Santos, da esquadra do pátio de D. Fradique, se celebrar.

O descarregador de mar e terra, António de Almeida, morador no pátio do Penedo, 2, à rua da Regueira, foi brutalmente espancado pelo referido guarda.

Motivo? O ódio que ele votava ao referido operário, ódio que ele juntava exteriorizar quando fosse para polícia. Como se a farda serve maravilhosamente para se exercer vinganças.

Pois o referido operário foi agredido, ficou com o seu fato em tiras e ainda por cima não pode entrar em casa, pois a tinha guardada por dois polícias.

Por quanto tempo viverá a população sofrendo as investidas dos energuménos da polícia?

## A cura das doenças pelas plantas

3.ª edição — Preço, 200; pelo correio, 250 — Pedidos à administração de A BATALHA.

## Coliseu dos Recreios

HOJE — às 21.45 (9.34) — HOJE

## Extraordinária e emocionante sessão de LUTA LIURE

Raoul Saint Mars, belga, contra Samson, americano  
Manuel Gonçalves, português contra Maugarde, francês  
Devilliers, francês, contra Leskinowitsch, russo

Espectáculo sensacionalíssimo  
Estreia da interessante bailarina e...panhola

LOLITA GALVEZ.

O mais barato espectáculo

De LISBOA

—

Vida Sindical

C. G. T.

Comité confederal

Reune amanhã, às 22 horas, para assunto inadiável.

## Secção de Federações

Reúne hoje pelas 21 horas, para um assunto inadiável, sendo indispensável a comparecência do delegado da Federação Marítima.

— Também às 20 horas reúne a comissão organizadora da conferência dos secretários gerais para ultimar os seus trabalhos.

## COMUNICAÇÕES

Federação Marítima. — Reuniu o Conselho Federal com a representação dos seguintes organismos: Calafates, Descarregadores do Barreiro, Almada, Alhandra, Estivadores do Porto de Lisboa, Descarregadores do Seixal, Pessoal de Câmaras, Descarregadores M. e T., Lisboa, Figueiros, Marítimos de Cenizela, Marinheiros e Mogos, Maquinistas Fluviais, Oficiais M. Mercante, Carpinteiros Navais, Descarregadores de Vila Franca, Marítimos de Abrantes, Frateiros de Lisboa e Marítimos de Vila Franca de Xira.

Aprecia-se o expediente confederal, verificando-se que os sindicatos estão em atraso com a Federação, e em especial o sindicato dos Frateiros de Lisboa, Marítimos de Olhão, e outros, aprovando o Conselho uma moção de ordem de António dos Santos, para que o conselho mantenha as resoluções anteriormente tomadas, e que de futuro todos os sindicatos ao requisiarem o expediente confederal, o paguem no acto de entrega. Aprecia-se a luta que o conflito dos Frateiros com a casa V. que resolvem não trabalhar nos batelões da mesma casa.

Por proposta do delegado dos Estivadores foi resolvido que a comissão administrativa da Federação trate deste caso.

Sobre o caso dos Descarregadores do Seixal, António Fernandes Júnior, delegado da Federação, que foi àquela localidade inquirir o que havia, (pois que esta Fábrica recebeu um ofício da Federação de Cortigas Mundet), deu conta do seu mandato, e no qual o conselho aprovou para que se oficie aos Descarregadores daquela localidade para porem todos os trabalhos de cargas e descargas, à volta, para assim terminarem-se com conflitos, que até a data tem originado, e que não tem razão de ser.

Sobre a greve dos marítimos da Foz do Douro, o secretário geral dá conta das demarcações junto das entidades oficiais, não tendo conseguido solução alguma, ficando de amanhã entrevistar as mesmas entidades.

Resolven o conselho que a Federação enviasse circulares aos sindicatos no sentido de se abrir subscrições pro dos grevistas.

Em seguida a comissão revisora de contas do comité do Norte, dei conta do seu mandato, resolvendo o conselho que a percentagem do dito comité de 10% passe a 40%, até ao próximo congresso, aprovando em seguida o relatório da mesma comissão.

O conselho ocupou-se também do incidente entre os Descarregadores de Mar e Terra, e os Descarregadores do Porto de Lisboa, propondo Salvador Lamago que a Federação oficie ao último sindicato, no sentido que este envie os seus delegados às reuniões do conselho, e para assim ver se consegue pôr termo ao mesmo incidente, pois não faz sentido de que esse sindicato não tenha delegado ao conselho, o que anti-sindical.

Os grevistas, reunem hoje, juntamente com a comissão de melhoramentos, às 18 horas.

## Cabouqueiros e Fabricantes de Cal

Em reunião efectuada ontem, para apreciar os trabalhos realizados pela comissão de melhoramentos, foi resolvido que o pessoal da casa José Dionizio Nobre mantinha a mesma atitude que este senhor resolva atender as reclamações formuladas.

Em seguida a comissão revisora de contas do comité do Norte, dei conta do seu mandato, resolvendo o conselho que a percentagem do dito comité de 10% passe a 40%, até ao próximo congresso, aprovando em seguida o relatório da mesma comissão.

O conselho ocupou-se também do incidente entre os Descarregadores de Mar e Terra, e os Descarregadores do Porto de Lisboa, propondo Salvador Lamago que a Federação oficie ao último sindicato, no sentido que este envie os seus delegados às reuniões do conselho, e para assim ver se consegue pôr termo ao mesmo incidente, pois não faz sentido de que esse sindicato não tenha delegado ao conselho, o que anti-sindical.

Os grevistas, reunem hoje, juntamente com a comissão de melhoramentos, às 18 horas.

## Cabouqueiros e Fabricantes de Cal

Em reunião efectuada ontem, para apreciar os trabalhos realizados pela comissão de melhoramentos, foi resolvido que o pessoal da casa José Dionizio Nobre mantinha a mesma atitude que este senhor resolva atender as reclamações formuladas.

Em seguida a comissão revisora de contas do comité do Norte, dei conta do seu mandato, resolvendo o conselho que a percentagem do dito comité de 10% passe a 40%, até ao próximo congresso, aprovando em seguida o relatório da mesma comissão.

O conselho ocupou-se também do incidente entre os Descarregadores de Mar e Terra, e os Descarregadores do Porto de Lisboa, propondo Salvador Lamago que a Federação oficie ao último sindicato, no sentido que este envie os seus delegados às reuniões do conselho, e para assim ver se consegue pôr termo ao mesmo incidente, pois não faz sentido de que esse sindicato não tenha delegado ao conselho, o que anti-sindical.

Os grevistas, reunem hoje, juntamente com a comissão de melhoramentos, às 18 horas.

## Cabouqueiros e Fabricantes de Cal

Em reunião efectuada ontem, para apreciar os trabalhos realizados pela comissão de melhoramentos, foi resolvido que o pessoal da casa José Dionizio Nobre mantinha a mesma atitude que este senhor resolva atender as reclamações formuladas.

Em seguida a comissão revisora de contas do comité do Norte, dei conta do seu mandato, resolvendo o conselho que a percentagem do dito comité de 10% passe a 40%, até ao próximo congresso, aprovando em seguida o relatório da mesma comissão.

O conselho ocupou-se também do incidente entre os Descarregadores de Mar e Terra, e os Descarregadores do Porto de Lisboa, propondo Salvador Lamago que a Federação oficie ao último sindicato, no sentido que este envie os seus delegados às reuniões do conselho, e para assim ver se consegue pôr termo ao mesmo incidente, pois não faz sentido de que esse sindicato não tenha delegado ao conselho, o que anti-sindical.

Os grevistas, reunem hoje, juntamente com a comissão de melhoramentos, às 18 horas.

## Cabouqueiros e Fabricantes de Cal

Em reunião efectuada ontem, para apreciar os trabalhos realizados pela comissão de melhoramentos, foi resolvido que o pessoal da casa José Dionizio Nobre mantinha a mesma atitude que este senhor resolva atender as reclamações formuladas.

Em seguida a comissão revisora de contas do comité do Norte, dei conta do seu mandato, resolvendo o conselho que a percentagem do dito comité de 10% passe a 40%, até ao próximo congresso, aprovando em seguida o relatório da mesma comissão.

O conselho ocupou-se também do incidente entre os Descarregadores de Mar e Terra, e os Descarregadores do Porto de Lisboa, propondo Salvador Lamago que a Federação oficie ao último sindicato, no sentido que este envie os seus delegados às reuniões do conselho, e para assim ver se consegue pôr termo ao mesmo incidente, pois não faz sentido de que esse sindicato não tenha delegado ao conselho, o que anti-sindical.

Os grevistas, reunem hoje, juntamente com a comissão de melhoramentos, às 18 horas.

## Cabouqueiros e Fabricantes de Cal

Em reunião efectuada ontem, para apreciar os trabalhos realizados pela comissão de melhoramentos, foi resolvido que o pessoal da casa José Dionizio Nobre mantinha a mesma atitude que este senhor resolva atender as reclamações formuladas.

Em seguida a comissão revisora de contas do comité do Norte, dei conta do seu mandato, resolvendo o conselho que a percentagem do dito comité de 10% passe a 40%, até ao próximo congresso, aprovando em seguida o relatório da mesma comissão.

O conselho ocupou-se também do incidente entre os Descarregadores de Mar e Terra, e os Descarregadores do Porto de Lisboa, propondo Salvador Lamago que a Federação oficie ao último sindicato, no sentido que este envie os seus delegados às reuniões do conselho, e para assim ver se consegue pôr termo ao mesmo incidente, pois não faz sentido de que esse sindicato não tenha delegado ao conselho, o que anti-sindical.

Os grevistas, reunem hoje, juntamente com a comissão de melhoramentos, às 18 horas.

## Cabouqueiros e Fabricantes de Cal

Em reunião efectuada ontem, para apreciar os trabalhos realizados pela comissão de melhoramentos, foi resolvido que o pessoal da casa José Dionizio Nobre mantinha a mesma atitude que este senhor resolva atender as reclamações formuladas.

Em seguida a comissão revisora de contas do comité do Norte, dei conta do seu mandato, resolvendo o conselho que a percentagem do dito comité de 10% passe a 40%, até ao próximo congresso, aprovando em seguida o relatório da mesma comissão.

O conselho ocupou-se também do incidente entre os Descarregadores de Mar e Terra, e os Descarregadores do Porto de Lisboa, propondo Salvador Lamago que a Federação oficie ao último sindicato, no sentido que este envie os seus delegados às reuniões do conselho, e para assim ver se consegue pôr termo ao mesmo incidente, pois não faz sentido de que esse sindicato não tenha delegado ao conselho, o que anti-sindical.

Os grevistas, reunem hoje, juntamente com a comissão de melhoramentos, às 18 horas.

## Cabouqueiros e Fabricantes de Cal

Em reunião efectuada ontem, para apreciar os trabalhos realizados pela comissão de melhoramentos, foi resolvido que o pessoal da casa José Dionizio Nobre mantinha a mesma atitude que este senhor resolva atender as reclamações formuladas.

Em seguida a comissão revisora de contas do comité do Norte, dei conta do seu mandato, resolvendo o conselho que a percentagem do dito comité de 10% passe a 40%, até ao próximo congresso, aprovando em seguida o relatório da mesma comissão.

O conselho ocupou-se também do incidente entre os Descarregadores de Mar e Terra, e os Descarregadores do Porto de Lisboa, propondo Salvador Lamago que a Federação oficie ao último sindicato, no sentido que este envie os seus delegados às reuniões do conselho, e para assim ver se consegue pôr termo ao

## Contributos para a compra de material tipográfico

Transporte 4,448\$76.

Quente aberta em Aviz, 1050; um es-tucador, 500; 5 leitores de A Batalha 500; António N. André, 1000; Francisco Pereira, 500; Manuel Augusto Xavier, 250; Francisco Carvalho, 1000; Jaime Soler da Costa, 1000; Carlos Vicente, 250; J. C., 1000; E. F., 250; A. F., 250; B. Ferreira, 250; M. A., 1000; Maria F., 1000; Manuel Carvalhosa, 250; António Dias, 1000; Vitorino Saraiya, 200; 3 irmãos de Vieira de Leira, 300; João Matias e Maria Ferreira, 200; Aníbal M. Borges, 250; Flordina Costa, 1000; João Lopes, 1000; Virginio Lopes, 1000; Mário Costa, 250; António G. Pereira, 250.

António Padinha, 1000; Adolfo de Oliveira, 1000; Joaquim Costa, 1000; António Francisco Ferreira, 500; Manuel A. Santos, 2500; António Ropolo, 1000; José Branco, 1000; Quirino Antunes, 2500; Inácio Mendes, 1000; Eduardo Pinto, 1000; Joaquim dos Santos, 1000; Frederico Narciso Santos, 1000; Carlos Nogueira, 250; Um Comerciante, 1000; Américo Simões, 1000; Um contador, 1000; O. P., 1000; Salvador Silva, 1000; Francisco Vicente, 1000; Quental, 1000; Luiz, 1000; João, 1000; Faustino, 1000; Manoel Fernandes, 1000; Profílio Andrade, 250; José Teodoro, 1000; José Baptista, 250; Manuel Lopes Santos, 1000; Caetano Duarte, 1000; Alberto Nunes Fonseca, 250; Ismael Costa, 1000; Joaquim Ferreira, 300; Lúcio José Silva, 1000; José Brandão, 1000; João Alberto Miranda, 1000; Albino Lopes da Silva, 500; Manuel O. Duarte, 1000.

Silvestre Vicente, 1000; Luis António, 2000; Presidente e secretário da Troupe Lisboa, 1050; Manuel Rodrigues Costa, 500; Mário José, 1000; António Tavares, 1000; Mário da Silva, 1000; Ernesto A. Faro e família, 300; 1º cão C. I. D., 1000; Augusto Fonseca, 1000; J. M. Matos (Marinha Grande), 250; Joaquim Marques (Caldas), 250; Floriano Freitas, 1000; António C. Capela e Manuel Ramo de Coimbra, 200.

Manuel Roque, 1000; José da Silva, 500; Alfredo José Barros (Ancora), 2000; Mário Silva, António Machado e António S. Pinto, 2500; Francisco Tavares e Eduardo Carvalho a 1000, do Pórtico, 8000; João Alves (Vila Franca), 2500; António Gomes (Fundão) 10800; Alberto Sampayo, 1000; Quente aberta na Fábrica de Cabecados (Alhos Vedros), 2200; Juventude Sindicalista do Pórtico, 3000.

E. F. C., 500; António Soeiro (Vizeu), 2000; José L. Chumbinho, 500; António Maria Rodrigues, 500; Joaquim Gomes Neto, 2500; Tito Silva Carvalho, 250; A. D. Serafim, 250; Armando Travassos (Setúbal), 1000; António Gomes Costa (Alhos Vedros), 2000; Pessoal do c. e. 3000, 800; João Maria Silva, 2000; A. S. Coelho (Vila), 750; João Sousa Reis, 1000; António Maria Pires, 500.

Alvaro Moreira, 1000; Maria Antónia, 1000; Luz da Silva, 1000; Alice Silva, 1000; Alzira da Silva, 1000; Iracema da Silva, 1000; Aracy da Silva, 1000; Josina da Silva, 1000; Mário Pimentel Domingues, 1000; António P. Domingues, 1000.

Luís Garrachino, 1000; João André, 1000; José Maria Santos, 1000; Gustavo de Castro, 1000; António Garrachino, 500; Francisco Vasco, 500; Joaquim Costa, 1000; J. C. 2555; Joaquim J. Almeida, 2500; Clemente Martins, 2500; José da Graça, 1000; Carlos Proença, 1000; Arlindo Cardoso, 1000; Francisco Quidalho, 2500; Luís Machado, 1050; António Francisco Sousa, 2500; Gilberio Taques, 250; José Coelho Tenorio, 500.

Quente numa sessão dos marítimos de Faro, 3370; Agostinho Gomes, 250; A. R. Almeida, 500; Fernandes Neves Vidal, 250; Joaquim Alves, 200; Amanaldo Lopes Paulo, 1500; Manuel Santos Lopes, 1500; Ferreira, 1000; José Joaquim Ferreira, 1000; António Amaral, 1000; Henrique Lagiosa, 1000; Virgilio Nascimento (Faro), 500.

Quente aberta em Braga de Prata e Santarém, — José Martins, 500; Júlio José da Sousa, 200; Carlos Luís Paulino, 1000; Francisco Amorim, 1000; José António Faria, 1000; Manuel da Silva, 1000; Manuel Maria Tondela, 250; António Augusto Ferreira, 1000; José Lourenço, 1000; José Silva Azevedo, 2500; António Cruz Moreira, 2000; Manuel Carapinha, 1500; Manuel da Costa, 1000; Júlio Martins, 1000; Ernesto Sousa, 1500; Julião dos Santos, 1000; J. F. Pinto, 250; Mário Roxo, 250; J. V. F., 250; Moraes P. G., 250; Joaquim Guilherme, 1000; Serafim Rocha, 1000; Luis Carvalho, 1000; Zeferino J. Sousa, 1000; Antônio, 1000; J. Pinto, 1000; José da Costa Patriarca, 1000.

Quente aberta na loja de Barbero de ru no Prior do Crato, — Delmiro G. de Sousa, 250; Olímpio Costa, 250; Ernesto Ramires dos Santos, 1000; Joaquim Castro, 1500; Alfredo Pereira Monh, 1000; Aníbal Neves, 1000; António Teixeira de Sousa, 1000; Santos Chapeleiro, 1000; Augusto da Silva, 1000; Sebastião Roberto, 1000; Francisco de Almeida, 1000; Mário Otole Prata, 500; Joaquim Pires, 1000; Emídio dos Santos, 1000; Manuel de Sousa, 1000; Agostinho Abrantes, 1000; Júlio Pereira Marques, 1000; Joaquim F. Santos, 1000; Mário Alves, 250; Joaquim Luis, 1000; Soma, 250.

Quente aberta na Pessoal das oficinas da Casa Holandesa, — Vicente, 1000; Bonifácio, 1000; Beslimho, 1050; Monteiro, 1000; Nepomuceno, 1000; Nicolau, 1000; Luís, 500; — Soma, 700.

Quente aberta na Secção de Belém, — José Pedro Pulido Junior, 2500; Artur Marques, 2000; Germano Vicente, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente entre o Pessoal das oficinas da Casa Holandesa, — Vicente, 1000; Bonifácio, 1000; Beslimho, 1050; Monteiro, 1000; Nepomuceno, 1000; Nicolau, 1000; Luís, 500; — Soma, 700.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente entre o Pessoal das oficinas da Casa Holandesa, — Vicente, 1000; Bonifácio, 1000; Beslimho, 1050; Monteiro, 1000; Nepomuceno, 1000; Nicolau, 1000; Luís, 500; — Soma, 700.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente entre o Pessoal das oficinas da Casa Holandesa, — Vicente, 1000; Bonifácio, 1000; Beslimho, 1050; Monteiro, 1000; Nepomuceno, 1000; Nicolau, 1000; Luís, 500; — Soma, 700.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente entre o Pessoal das oficinas da Casa Holandesa, — Vicente, 1000; Bonifácio, 1000; Beslimho, 1050; Monteiro, 1000; Nepomuceno, 1000; Nicolau, 1000; Luís, 500; — Soma, 700.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente entre o Pessoal das oficinas da Casa Holandesa, — Vicente, 1000; Bonifácio, 1000; Beslimho, 1050; Monteiro, 1000; Nepomuceno, 1000; Nicolau, 1000; Luís, 500; — Soma, 700.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente entre o Pessoal das oficinas da Casa Holandesa, — Vicente, 1000; Bonifácio, 1000; Beslimho, 1050; Monteiro, 1000; Nepomuceno, 1000; Nicolau, 1000; Luís, 500; — Soma, 700.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A. Soares, 2500; Ruy Lucas, 1050; Domingos de Oliveira, 1000; Manuel Martins, 1000; Orfeu Lucas, 1000; — Soma, 1450.

Quente aberta na tipografia dos Caminhos de Ferro Portugueses, — António Ciríaco A. Ribeiro, 2500; Joaquim J. Simões, 1000; J. P. Margalho, 1000; Eugénio Sousa, 2500; Carlos A.

— Escuta... se tu não apagas o archote no instante entre os joelhos, mando-te agarrar pelos homens, e apago-to na garganta...; escolhe pois, e imediatamente.

Uma nova explosão de hilariedade provou ao velho gaulez que não devia esperar mercê dos franceses. Olhou chorando para as suas debeitas e trémulas pernas; depois, cedendo à uma última esperança, disse ao clérigo com voz suplicante:

— Meu bom padre em Deus... em nome da caridade... interceda por mim ao senhor conde.

— Senhor, peço-lhe por este homem.

— Clérigo! este escravo pertence-me, ou não me pertence?

— Pertence-lhe, nobre senhor.

— Poderei dispor do meu escravo como quira, e castigá-lo também?

— Está no seu direito, meu soberano senhor.

Então que apague depressa o archote entre os joelhos, senão juro-lhe pelo grande São Martinho, que lho apagarei na garganta.

— Meu bom padre em Deus... interceda por mim...

— Meu querido filho... é preciso resignado aceitar os males que o céu nos envia...

— Avias-te? exclamou o conde batendo na mesa com o cabo da sua grande faca... Basta de palavras... escolhe: os teus joelhos ou a tua garganta por apagador... Hesitas...

— Não, não, meu senhor... eu obedeço.

O escravo, todo trémulo, aproximou o archote dos joelhos, e quiz de repente acabar aquela tortura; afastou um pouco as pernas, depois apertou-as por duas vezes convulsivamente, fim de apagar-o entre os joelhos, o que conseguiu sem poder conter um grande grito de dor; e tão violento foi o seu sofrimento, que o velho caiu de costas quasi privado dos sentidos.

Chieira a cão assado, disse o conde dilatando as ventas do seu nariz de ave de rapina; e aquele cheiro de carne assada causando-lhe prazer, sem dúvida, exclamou como inspirado de uma idéia súbita:

— Meus valentes leudas, a prisão do burgo parece-me que está bem guardada... Temos acorrentados o ergástulo, em primeiro lugar, Ronan o Vagro e o eremita lavrador... ambos quasi curados agora das suas feridas; a pequena escrava loira, essa não está ainda curada e continua moribunda. Temos também a formosa bispa, não ferida, mas endiabradada...

— Mas, conde, replicou um dos leudas; que queres tu fazer desses malditos Vagros, da pequena Vagro, e dessa formosa bruxa, que foram conduzidos para aqui depois do combate dos desfiladeiros d'Alange?

— Ah! é pena que não tenham elas milhares de membros para serem queimados, a fim de expriarem a morte dos nossos companheiros de armas, a quem mataram nesse combate dos desfiladeiros d'Alange e em outras batalhas!

— Queres tu, conde, que elas sejam julgados aqui?

— Não, não... Há de ser julgado em Clermont; o bispo Cautin, meu patrono, deseja fazer parte do julgamento, oh! pelo Agua terrível! meu avô, que esfolava vivos os seus prisioneiros, o Vagro, o eremita renegado e as duas feiticeiras serão todos quanto supliciados; mas não é deles que se trata esta noite... Falando-lhes dos prisioneiros do ergástulo, meus bons leudas, queria dizer que temos lá um dos meus escravos domésticos acusado de furto pelo escravo cosinheiro; este afirma o roubo, o outro nega-o, qual dos dois mente? se para conhecer a verdade nós nos divertirmos, antes de nos irmos deitar, em sujeitar aquêles dois rapazinhos à prova da água fria e dos ferros em brasa, segundo a nossa lei dos franceses-sáticos, lei que rege hoje a Galiza nossa conquista?

O tribunal está reunido: o conde, assentado, preside ao malh; sete leudas acham-se presentes... Os escravos porta-archotes estão em pé por detrás dos juizes; o tribunal está vivamente alumiado, o fundo da sala, onde se acham os outros leudas e os guerreiros do burgo, fica num quasi escuridão onde se projeta vermelha claridade saindo de um grande rescal-

do, que o terreiro das cavalariaças atica e assopra; naquêle brazeiro estão as nove relhas; defronte do brazeiro, já enterrada, ao nível do terreno, a imensa tina cheia de água; ao pé do tribunal o escravo acusado de furto está amarrado; é novo e encara os juizes com espanto; o acusador, homem de idade madura, contempla o tribunal com serenidade. A' roda de cada um daquelas dois homens homens, estão, segundo o costume, seis outros escravos conjuradores escondidos pelo acusador, para afirmarem debaixo de juramento que pugnão pela verdade.

— Juíguemos! juíguemos! disse o conde bocejando! Tu, meu mordomo, torna a repetir a esse escravo de que crime o acusa o cosinheiro.

— Justino, escravo cosinheiro de nosso señor conde, estava sózinho na cosinha; na mesa achava-se uma pequena escudela de prata para uso da senhora Godegisa, nobre esposa do senhor Pedro, est'outro escravo, entrou na cosinha carregado de lenha; logo depois de se ter retirado, Justino reparou que a escudela tinha desaparecido; veio denunciar-me, a mim, mordomo, o furto de que ele acusa Pedro; ao que lhe respondi que se cortaria uma orelha a ele Justino, se a escudela não se encontrasse; respondeu-me que jurava pela salvação da sua alma dizer a verdade, e que o ladrão era este escravo.

— E ainda o repito, senhor conde, se a escudela foi roubada, não pôde ser outro ladrão senão Pedro, que está presente... Juro pelo paraíso que estou inocente! os meus conjuradores estão prontos a jurar como eu o mesmo pela sua salvação.

— Sim, sim... replicaram em côro os seis escravos; nós juramos que Justino está inocente do furto; assim o juramos pela nossa salvação...

— Ouvies, cão? disse Néroweg voltando-se para Pedro. Que tens que responder? o que foi feito da escudela que eu trouxe do saque da cidade de Issóire... Responde ou não responde, cão?

— Senhor, eu não roubei a escudela, nem sequer a vi em cima da mesa... os meus conjura-

dores estão prontos a jurar como eu pela sua salvação...

— Sim, sim... replicaram em côro os conjuradores do acusado, Pedro está inocente, nós o juramos pela nossa salvação.

— Meu querido irmão em Cristo, disse o clérigo acusado, sabe que é um grande pecado o roubo, e outro grande pecado a mentira... o Todo Poderoso vê-te e ouve-te...

— Meu bom padre, eu temo muito o Todo Poderoso, cumpro os seus mandamentos que tu nos ensinas, sofro as minhas misérias com resignação, obedezço a meu señor conde com a submissão que tu me ordenas a fim de alcançar o paraíso; mas juro-te que não roubei a escudela...

— Senhor conde, juro-lhe pelas penas eternas que não roubei a escudela...

— E eu, Justino, sustento que Pedro deve ser autor do roubo... visto que estou inocente...

— Justino afirma, Pedro nega, e eu, Néroweg, ordeno que para se ficar sabendo a verdade, sujeitem um à prova da água fria e o outro à prova dos ferros em brasa.

— Senhor conde, disse o clérigo, tu ordenas que o acusado e o acusado se sujeitem ambos à prova; mas se o julgamento do Todo Poderoso provar que o acusado é criminoso, o acusador não ficará também declarado inocente? Então de que serve sujeitá-los ambos à prova?

— Clérigo... e se o acusador e o acusado se tivessem entendido para roubar a escudela e se para afastar as nossas suspeitas eles se acusassem mutuamente... não vês que a prova dirá se ambos são inocentes ou culpados, ou se um é só culpado e o outro inocente?

— Sim, sim, gritaram os leudas, regozijando-se antecipadamente com a ideia d'este espetáculo, venga a prova dupla...

— Eu não temo a prova, disse Justino com voz firme. Deus testemunhará a minha inocência...

## FERRAGENS E FERRAMENTAS

Louças de ferro esmaltado e estanhado, zinco estanhado — Regulo de antimónio e mangueiras — Redes de arame — Bigornas, cavaletes, safras, toros e engenhos de furar; foles, arames de bicos, toros... Cabo de arame e apetrechos marítimos  
**Cravo de ferrador**  
DESCONTO AOS REVENDORES  
**SERAFIM & LOPES, Lda.**  
Rua de São Paulo, 43 a 47 — T. dos Remolares, 50 e 52  
TELEFONE CENTRAL 844

## Calçado PACKARD

ABSOLUTAMENTE GARANTIDO  
Preço para todas as qualidades 95\$00

DEPOSITO DA FABRICA  
149, Rua Augusta, 149

LER "O Suplemento de "A Batalha"

## IMPORTANTE SEGUROS MARÍTIMOS

«A MUNI AL» participa a todos os seus clientes que celebraram contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em polícies fluctuantes.

Dirigir-se à



## A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS  
capital inteiramente realizado, Esc. 500.000\$00 — Reservas, Esc. 749.051\$60,9  
SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO  
Rua Garrett, 95 — Tel. 3891 R. Sá da Bandeira, 331, 1.

Para conseguir cabeleiras assim



Usae o  
**Oleo de Mão de Vara**  
Evita a queda dos cabelos promovendo o seu desenvolvimento, tornando-os brilhantes e flexíveis e evitando a caspa, 50 anos de venda asseguram os seus bons efeitos (—)  
Frasco 2.200. Para a província 3.200

## A BATALHA

— Escuta... se tu não apagas o archote no instante entre os joelhos, mando-te agarrar pelos homens, e apago-to na garganta...; escolhe pois, e imediatamente.

Uma nova explosão de hilariedade provou ao velho gaulez que não devia esperar mercê dos franceses.

Olhou chorando para as suas debeitas e trémulas pernas; depois, cedendo à uma última esperança, disse ao clérigo com voz suplicante:

— Meu bom padre em Deus... em nome da caridade... interceda por mim ao senhor conde.

— Senhor, peço-lhe por este homem.

— Clérigo! este escravo pertence-me, ou não me pertence?

— Pertence-lhe, nobre senhor.

— Poderei dispor do meu escravo como quira, e castigá-lo também?

— Está no seu direito, meu soberano senhor.

Então que apague depressa o archote entre os joelhos, senão juro-lhe pelo grande São Martinho, que lho apagarei na garganta.

— Meu bom padre em Deus... interceda por mim...

— Meu querido filho... é preciso resignado aceitar os males que o céu nos envia...

— Avias-te? exclamou o conde batendo na mesa com o cabo da sua grande faca... Basta de palavras... escolhe: os teus joelhos ou a tua garganta por apagador... Hesitas...

— Não, não, meu senhor... eu obedeço.

O escravo, todo trémulo, aproximou o archote dos joelhos, e quiz de repente acabar aquela tortura; afastou um pouco as pernas, depois apertou-as por duas vezes convulsivamente, fim de apagar-o entre os joelhos, o que conseguiu sem poder conter um grande grito de dor; e tão violento foi o seu sofrimento, que o velho caiu de costas quasi privado dos sentidos.

Chieira a cão assado, disse o conde dilatando as ventas do seu nariz de ave de rapina; e aquele cheiro de carne assada causando-lhe prazer, sem dúvida, exclamou como inspirado de uma idéia súbita:

## Pó RODRIGUES

O mais eficaz DESTRUIDOR de baratas, pulgas, formigas, percevejos, etc.

A' venda  
em todas as  
DROGARIAS  
MERCEARIAS  
e Lojas de Fer-  
ragens



UNICOS  
DEPOSITARIOS

**SALVADOR BARATA, Lda.**

19-A, Rua das Gaivotas, 19-C  
LISBOA TELEFONE C. 5467

AGENTES:  
NO PORTO:  
Sociedade de Pro-  
dutos Químicos,  
Lda.—Rua 31 de  
Janeiro, 17, 1.  
NAS ILHAS:  
Dias & Filhos Lda.  
FUNCHAL'

## H'S CLASSES POBRES

CONSULTAS AOS PREÇOS  
DAS POLICLÍNICAS

### TRATAMENTO DA SIFILIS

DOENÇAS das senhoras e crianças — Dr. Marinho, às 11 horas, Clínica geral e doenças pulmonares — Dr. Raul Faria, às 11 horas, Doenças do estômago, intestinos, figado e pânsies quentes — Dr. Bruto da Costa, às 14 horas.

RUA DO OURO, 172, 2.

### Alfaiataria

**VITORIA**  
Santos & Pereira

Rua do Bemformoso, 118

Variado sortido de fazendas nacionais e estrangeiras dos melhores fabricantes — Confecções para homens, senhoras e crianças

**FATOS A FEITIO DESDE 180\$00**

OS ECONOMICOS DEVEM VISITAR ESTA CASA

RUA DO OURO, 172, 2.

### Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mescas em cores lindissimas, formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

### GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.

### ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.º Sucursal: — Rue dos Poisais de S. Bento, 74, 74-A

2.º Sucursal: — Rue do Corpo Santo, 29

3.º Sucursal: — Rue do Arco Marques de Alegre 3, 56, 58

### Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

ESPECIALIDADE  
EM CHAPEUS  
DE SEDA  
E  
FLAMÃO

ESTABELECIMENTOS